

Aula 10 – Abordagens Filosóficas e Hermenêuticas da Tradução

Bem-vindos à Aula 10 do nosso Curso de Teoria da Tradução! Sei que o dia pode ter sido longo, mas prepare-se para uma jornada que vai muito além das palavras e dos dicionários. Hoje, vamos mergulhar nas profundezas da tradução, explorando-a não apenas como uma técnica, mas como um ato filosófico e uma arte de interpretação.

Por que isso é importante? Porque, seja você um futuro tradutor, um linguista, um comunicador ou alguém que busca um diferencial em concursos, compreender as bases filosóficas da tradução expande sua visão de mundo e aprimora sua capacidade de lidar com a linguagem em qualquer contexto. Você aprenderá a ver a tradução como um campo de reflexão profunda sobre a natureza humana, a cultura e o próprio significado.

Objetivos de Aprendizagem

Ao final desta aula, você será capaz de:

Analisar a tradução sob a ótica filosófica

Reconhecer suas implicações conceituais e a filosofia da linguagem.

Compreender o modelo hermenêutico

Aplicar as quatro fases de George Steiner na prática tradutória.

Discutir a visão de Walter Benjamin

Explorar "A Tarefa do Tradutor" e a busca pela "linguagem pura".

Refletir sobre a intraduzibilidade

Compreender o desafio em termos filosóficos e práticos.

Conectar teoria e prática

Relacionar abordagens filosóficas com a natureza do significado.

Nossa jornada nos levará por pensadores que revolucionaram a forma como entendemos a tradução, desde a filosofia da linguagem até as complexidades da interpretação e da intraduzibilidade. Prepare-se para questionar o que você pensa sobre a comunicação e a ponte entre culturas.

Fundamentos

A Tradução como Ato Filosófico: Mais que Palavras, Mundos

Imagine por um instante que você está diante de um texto escrito em uma língua que não domina. A primeira reação é buscar um dicionário, certo? Ou talvez um tradutor automático. Mas será que a tradução é apenas uma questão de substituir palavras por seus equivalentes? Se fosse tão simples, não haveria tantos debates, nem a necessidade de especialistas humanos.

O problema é que a linguagem não é um mero código. Ela carrega consigo a história, a cultura, as nuances e as formas de pensar de um povo. Quando tentamos traduzir, não estamos apenas trocando rótulos; estamos tentando transpor um universo de significados de um sistema para outro. É aqui que a filosofia da linguagem entra em cena, questionando a própria natureza do que significa "entender" e "expressar".

O Desafio da Linguagem: **Significado e Interpretação**

A filosofia da linguagem nos convida a ir além da superfície. Ela nos faz perguntar: o que é o significado? Ele reside na palavra em si, na intenção de quem fala, ou na interpretação de quem ouve? A tradução, nesse sentido, torna-se um laboratório fascinante para explorar essas questões.

Ela nos força a confrontar a ideia de que a realidade pode ser percebida e articulada de maneiras fundamentalmente diferentes em cada língua, tornando o ato de traduzir uma renegociação constante desses laços.

Essa perspectiva mais profunda impacta diretamente a forma como abordamos a comunicação intercultural. Não se trata apenas de evitar erros gramaticais, mas de reconhecer e respeitar as diferentes construções de mundo que cada língua oferece.

Pense nisso

A tradução é como tentar pintar um sonho. Você pode descrever as cores, as formas, as sensações, mas a experiência visceral e subjetiva do sonho é quase impossível de ser replicada em sua totalidade.

A Arbitrariade do Signo e o Desafio da Equivalência

Continuando nossa reflexão, se a tradução é mais do que trocar palavras, precisamos nos aprofundar no que entendemos por "significado". Será que o significado de uma palavra é algo fixo, como uma etiqueta colada a um objeto, ou ele é algo mais fluido, que se molda ao contexto e à interpretação de quem a usa e a recebe?

Convenção Social

A relação entre palavra e conceito é socialmente estabelecida, não natural. Não há nada inerente à sequência de sons que a conecte ao objeto.

Carga Cultural

O significado não é apenas lexical, mas profundamente cultural e experiencial. Cada palavra carrega história e contexto.

Interpretação Ativa

Quando traduzimos, lidamos com sistemas de convenções diferentes, tornando a busca por equivalentes um desafio constante.

A linguagem é como um mapa; o significado é o terreno que esse mapa tenta representar. Mapas diferentes podem representar o mesmo terreno de maneiras distintas, destacando aspectos diversos ou usando símbolos próprios.

Exemplo Clássico

O Caso da "Saudade"

Saudade

substantivo feminino

Pense na palavra portuguesa "saudade". Ela evoca um sentimento complexo de melancolia, nostalgia e falta de algo ou alguém querido. Tentar traduzi-la diretamente para o inglês com "longing" ou "missing" captura apenas uma parte do seu espectro emocional.

É preciso uma perífrase, uma explicação, para que o leitor da língua-alvo compreenda a profundidade cultural desse termo. Isso nos mostra que o significado não é apenas lexical, mas profundamente cultural e experiencial.

Reflexão Importante

Essa dificuldade em encontrar equivalentes exatos não é uma falha, mas uma janela para a riqueza e a diversidade das formas humanas de experienciar e nomear o mundo. Ela aprofunda nossa compreensão de como as culturas moldam o pensamento e como a tradução é, em sua essência, um ato de mediação cultural.



George Steiner

O Movimento Hermenêutico: Uma Dança de Quatro Passos

Agora que entendemos a complexidade do significado, vamos mergulhar em uma das abordagens mais influentes e poéticas da tradução: a visão de George Steiner. Para Steiner, a tradução não é um processo mecânico de decodificação, mas uma experiência profunda, quase mística, que ele descreve como um "movimento hermenêutico".

Steiner argumenta que todo ato de compreensão é, em si, um ato de tradução. Quando lemos um texto, estamos traduzindo as palavras do autor para nossa própria compreensão, filtrando-as por nossas experiências e conhecimentos.

As Quatro Fases do Modelo de Steiner

Como podemos descrever essa experiência complexa de forma estruturada? Steiner propõe um modelo de quatro fases interligadas, que ele vê como um ciclo contínuo. Essas fases não são lineares, mas sim momentos de um processo dinâmico que o tradutor vivencia.

01

Iniciativa (Confiança)

O tradutor acredita que o texto tem algo valioso a dizer, que é inteligível e pode ser compreendido. É um voto de confiança na capacidade da linguagem de comunicar.

03

Incorporação (Assimilação)

O texto é absorvido pela cultura da língua-alvo, naturalizado e integrado, passando a existir em um novo contexto.

02

Agressão (Invasão)

O tradutor "ataca" o texto, desmembrando-o, interrogando-o, despojando-o de sua forma original para extrair seu significado mais profundo.

04

Compensação (Restauração)

O tradutor busca restaurar o equilíbrio, compensando perdas inevitáveis e enriquecendo a língua-alvo com a nova aquisição.

"É como uma dança complexa entre culturas, onde o tradutor atua como coreógrafo e dançarino, interpretando os passos de um para apresentá-los a outro, mas sempre deixando sua própria marca."

Fase 1 e 2: **Iniciativa e Agressão**

1. Iniciativa (Confiança)

Antes mesmo de começar a traduzir, o tradutor precisa ter fé no texto original. Ele acredita que o texto tem algo valioso a dizer, que é inteligível e que pode ser compreendido. É um voto de confiança na capacidade da linguagem de comunicar e na relevância da mensagem.

Sem essa crença inicial, o processo nem sequer começaria. É a aceitação do desafio, a abertura para o diálogo com o outro.

2. Agressão (Invasão)

Aqui, o tradutor "ataca" o texto. Ele o desmembra, o interroga, o despoja de sua forma original para extrair seu significado mais profundo. Steiner usa termos fortes como "invasão" e "violência" porque o tradutor, ao tentar compreender o texto, o retira de seu contexto original.

É um ato necessário para desvendar as camadas de sentido, mas que implica uma certa desconstrução do original.

Analogia do Arqueólogo

Pense em um arqueólogo que escava um sítio antigo. Primeiro, ele tem a **iniciativa** (a crença) de que há algo valioso enterrado ali. Depois, ele inicia a **agressão** (a escavação): remove terra, quebra camadas, desenterra artefatos, um processo que, embora cuidadoso, é inerentemente disruptivo para o estado original do sítio.

Fase 3 e 4: Incorporação e Compensação



3. Incorporação

O texto é absorvido pela cultura da língua-alvo, naturalizado e integrado ao novo sistema literário e cultural.



4. Compensação

O tradutor busca restaurar o equilíbrio, compensando perdas e enriquecendo a língua-alvo com a nova aquisição.

Após a "invasão" e a desconstrução do texto original, o processo de Steiner avança para as fases de assimilação e restauração. O que acontece com o texto depois de ser "atacado" e como o tradutor busca reequilibrar a balança?



Analogia do Transplante

Pense em um transplante de órgão. O novo órgão é **incorporado** ao corpo, tornando-se parte dele. O corpo se adapta, ganha uma nova funcionalidade, mas nunca é exatamente o mesmo de antes.

Há uma **compensação** pela perda do órgão original, e o corpo como um todo é transformado, ganhando uma nova chance de vida, mas também enfrentando novos desafios.

Fase de Steiner	Âmbito/Ação Principal	Base/Origem	Exemplo Prático
Iniciativa	Abertura e fé no texto	Confiança do tradutor	Aceitar o desafio de traduzir um clássico literário
Agressão	Desconstrução do original	Análise crítica	Desmembrar a sintaxe complexa de uma frase filosófica
Incorporação	Assimilação na cultura-alvo	Nova identidade	Um livro estrangeiro se tornando um best-seller local
Compensação	Restauração do equilíbrio	Enriquecimento mútuo	A língua-alvo ganha novas expressões ou conceitos

Walter Benjamin

"A Tarefa do Tradutor": A Busca pela "Linguagem Pura"

Deixando Steiner por um momento, vamos agora para uma das reflexões mais profundas e enigmáticas sobre a tradução: a de Walter Benjamin, em seu ensaio seminal "A Tarefa do Tradutor". Benjamin oferece uma perspectiva radicalmente diferente, que desafia a nossa compreensão comum sobre o propósito da tradução.

Para Benjamin, a tradução não serve primariamente ao leitor da língua-alvo, nem sequer ao original no sentido de "copiá-lo" ou "transmitir sua mensagem". Ele argumenta que a tradução tem um propósito mais elevado, quase metafísico: ela busca revelar a **"linguagem pura" (reine Sprache)** que reside por trás de todas as línguas.



A Visão de Benjamin: Ressonância e Afinidade

O problema que Benjamin aborda é: se a tradução não é sobre transmitir significado de forma exata (pois isso é impossível), qual é então sua verdadeira função? Sua resposta é que a tradução é uma busca pela ressonância, pela complementaridade entre as línguas.

Linguagem Pura

Uma essência, uma afinidade subjacente que conecta todas as formas de expressão humana. Não é uma língua que podemos falar, mas algo que transcende.

Ressonância

A tradução não tenta fazer o texto parecer "natural", mas sim que a língua-alvo se abra para acomodar a estranheza do original.

Sobrevida (Überleben)

O original não morre na tradução; ele ganha uma nova manifestação de sua essência, um eco que permite que continue a existir.

"Imagine que cada língua é um fragmento de um vaso quebrado. A tradução não é tentar colar esses fragmentos para formar o vaso original – isso seria impossível. Em vez disso, a tradução é mostrar como esses fragmentos, juntos, apontam para a possibilidade de um vaso inteiro, uma 'linguagem pura' que os transcende."

Benjamin: Afinidade e Sobrevida

Aprofundando nas ideias de Benjamin, a "linguagem pura" não é algo que o tradutor cria, mas algo que ele revela. Para Benjamin, a tradução não é sobre equivalência de sentido, mas sobre a **afinidade** entre as línguas, a ressonância de seus modos de intenção.

Cada língua, em sua singularidade, possui uma maneira de "intencional" o mundo, de dar forma ao pensamento. A tradução bem-sucedida é aquela que consegue fazer com que essas intenções ressoem entre si, sem anular as diferenças.

O original, para Benjamin, não morre na tradução; ele ganha uma "**sobrevida**" (**Überleben**). Essa sobrevida não é uma cópia, mas uma nova manifestação de sua essência, um eco que permite que o original continue a existir e a se transformar em um novo contexto.

Analogia do Eco

Pense em um eco em uma caverna. O eco não é a voz original, mas é uma manifestação dela em um novo ambiente, revelando as características acústicas do espaço. A tradução é um eco que revela a "linguagem pura".

Exemplo Prático: Tradução de Poesia

Um exemplo claro seria a tradução de um poema. Em vez de apenas transmitir o sentido literal, o tradutor benjaminiano buscaria recriar a musicalidade, a estrutura rítmica e as aliterações, mesmo que isso significasse se afastar um pouco do sentido denotativo. O objetivo é fazer com que a língua-alvo se dobre e se estenda para acomodar a forma e a intenção do original, revelando a "afinidade" entre as línguas e permitindo que o poema tenha uma "sobrevida" poética.

Essa perspectiva é essencial para entender a tradução não apenas como uma técnica, mas como uma arte e um ato de revelação. Ela nos convida a valorizar a estranheza do texto traduzido, a ver nela não uma falha, mas um sinal de que algo profundo e novo está sendo revelado.

O Desafio

A Intraduzibilidade como Desafio Filosófico e Prático

Depois de explorarmos a profundidade da tradução com Steiner e Benjamin, surge uma questão inevitável: há limites para o que pode ser traduzido? Existem coisas que simplesmente não podem ser transpostas de uma língua para outra sem uma perda significativa ou mesmo total? Essa é a questão da **intraduzibilidade**, um desafio tanto filosófico quanto prático.



Diferenças Conceituais

Ideias que não existem em outra cultura ou sistema de pensamento.



Diferenças Estruturais

Gramática e sintaxe muito distintas entre as línguas.



Diferenças Culturais

Referências específicas a costumes, instituições ou práticas locais.



Diferenças Históricas

Palavras que carregam séculos de uso específico e evolução semântica.

A intraduzibilidade não é uma falha do tradutor ou da língua-alvo; ela é uma característica inerente à linguagem e à cultura. É um lembrete constante da singularidade de cada sistema linguístico e da forma como ele molda nossa percepção da realidade.

Navegando pela Intraduzibilidade: Estratégias e Reflexões

Se a intraduzibilidade é uma realidade, isso significa que a comunicação entre culturas é impossível? Absolutamente não! A intraduzibilidade não é um muro intransponível, mas um desafio que exige criatividade, sensibilidade e um profundo conhecimento tanto da língua de partida quanto da língua de chegada, e das culturas que as permeiam.

Estratégias para Lidar com a Intraduzibilidade

1

Empréstimo

Usar a palavra original na língua-alvo, muitas vezes com uma explicação (ex: "sushi", "feng shui").

2

Calque

Traduzir literalmente uma expressão idiomática ou um neologismo (ex: "arranha-céu" de "skyscraper").

3

Paráfrase

Explicar o conceito em vez de traduzir a palavra diretamente (ex: "saudade" explicada como "a feeling of longing").

4

Adaptação Cultural

Substituir uma referência cultural por outra equivalente na cultura-alvo, se o impacto for mais importante.

5

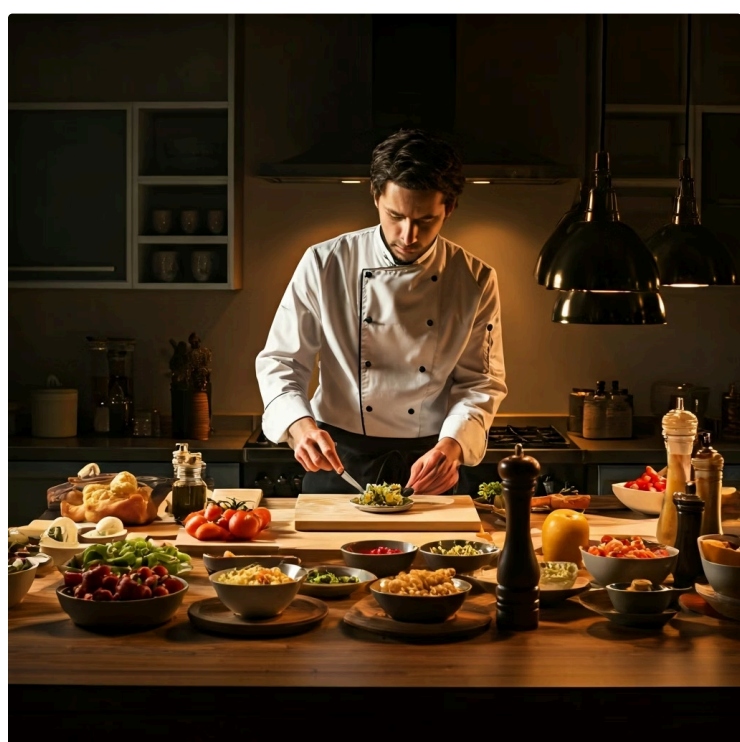
Criação de Neologismos

Inventar uma nova palavra ou expressão que capture o sentido.

6

Notas de Rodapé

Fornecer explicações adicionais para o leitor através de glossários ou notas.



Analogia do Chef

Pense em um chef que precisa recriar um prato exótico com ingredientes locais. Ele não pode usar exatamente os mesmos ingredientes que estão disponíveis apenas na região de origem do prato. No entanto, ele pode capturar a essência, o sabor e a textura com substitutos criativos, adaptando a receita para o paladar local.

A reflexão filosófica nos ensina que a tradução é sempre uma reinterpretação, não uma cópia. Portanto, lidar com a intraduzibilidade é parte integrante desse processo criativo. Não se trata de "perder" algo, mas de "transformar" ou "explicar" de uma nova maneira.

Reflexões sobre a Natureza da Linguagem e do Significado

Tudo o que exploramos até agora – a tradução como ato filosófico, as fases de Steiner, a "linguagem pura" de Benjamin e o desafio da intraduzibilidade – nos leva a uma compreensão muito mais profunda da própria linguagem e do significado. A tradução, em sua essência, é um espelho que reflete as complexidades da comunicação humana.

Ela expõe a fragilidade e a plasticidade do significado. Onde reside o significado? Nas palavras em si, como entidades autônomas? Nas intenções do autor, que podem ser perdidas no tempo ou na distância cultural? Na interpretação do leitor, que traz sua própria bagagem para o texto? Ou em um espaço intersubjetivo, construído no diálogo entre esses elementos?

É um lembrete constante de que a linguagem não é um espelho perfeito da realidade, mas uma ferramenta para construí-la, interpretá-la e compartilhá-la. Cada língua oferece uma lente única através da qual vemos o mundo, e a tradução é o esforço para compartilhar o que vemos através de lentes diferentes.